

DESAFIOS E EXPÊRIÊNCIAS; UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA EM CAMPINA GRANDE A PARTI DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I.

Alan Tassio Galdino, José Eudes Ferreira da Silva

UEPB

allantassio@hotmail.com, eudes.story@hotmail.com

Através deste artigo realizaremos a análise das observações feitas em sala de aula. Que ocorreram na escola municipal Governado Antônio Mariz, situada na cidade de Campina Grande, Paraíba. Aonde foram observadas as respectivas aulas de História no fundamenta II, no período noturno. Tendo como intuito o fechamento da disciplina de Estagio Supervisionado I. Por meio destas, tentaremos aqui alavancar questionamentos em cima da pratica docente, tais como, suas dificuldades, problemáticas, desafios e experiências, assim como métodos de ensino e perspectivas para uma melhoria do ensino de história.

Tivemos principalmente como embasamento teórico, para a realização do mesmo, a leitura de autores como: Luís Fernando Cerri e suas abordagens sobre a consciência histórica. Utilizando também das leituras de Paulo Freire, sobre as formas de atuação e perspectivas docentes. Visamos assim compartilhar a experiência vivenciada da prática docente do estagiário, e através destas observações, contribuir para o melhor entendimento das problemáticas que surgem no decorre do cotidiano de sala de aula de um professor de história.

Trabalhamos desta forma com uma metodologia qualitativa, pautada sobre as análises das observações realizadas no Estagio I. Discutindo com alguns conceitos idealizados por Freire, em sua Pedagogia do Oprimido. Tais como a ideia da utilização de um conhecimento prévio, aonde o aluno já traria consigo um conhecimento de vida, conhecimento este que poderia ser utilizado para o auxílio do ensino de história.

Ao fazer um trabalho de alfabetização de trezentos adultos em 45 dias, no Rio Grande do Norte em 1963, Freire foi atrás de palavras geradoras que fizessem parte do cotidiano daqueles indivíduos. Desta forma facilitando o aprendizado daqueles

adultos. No ensino de história não seria diferente, seria necessário e fundamental, respeita o conhecimento prévio que o aluno já possui e utilizar deste para a facilitação do ensino. Como Freire colocar:

Por isso mesmo pensar certo colocar ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária [...], discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1997, p. 30).

Hoje crianças e jovens jogam vários games de temáticas históricas, como também usufruem de jogos de Rpg, histórias em quadrinhos, filmes, músicas e novelas que possuem estas temáticas. Deve-se assim usufruir totalmente deste universo aonde se encontram imersos os educandos, pois cada indivíduo chega à escola já com um conhecimento prévio, conhecimento este que para o professor de história, dever ser visto, como uma arma para seu auxílio na docência. Valorizar este conhecimento não significaria deixar de lado, conhecimento ao qual o professor possui, mas ao ponto que traria este para dentro da sala de aula, poderia o educador familiarizar o educando mais facilmente com os assuntos discutidos.

Já utilizado as perspectivas apresentadas por Luís Fernando Cerri, vemos a ideia de um ensino de história capaz de despertar aos alunos uma consciência histórica. Capacidade esta de problematizar, criticar e conseguir criar linhas de relação dos fatos atuais com os fatos históricos, criando novos horizontes intelectuais, dando significados aos acontecimentos históricos. Como o mesmo citar ao enfatizar sobre o ensino de história:

“No que se refere à contribuição para a vida do sujeito, sua função é alargar horizontes e permitir ascensão de formas mais complexas de pensamento, além de preparar para a “autodefesa intelectual” (essa expressão é de Noam Chomsky), ou seja, ajudar no sentido de que o cidadão não seja suscetível a manipulação que o subjuguem interesses alheios” (CERRI, 2011, p.112,113).

Esta consciência histórica também teria um fator importante, de ajudar a significar o ensino de história. Sendo hoje os alunos tão ligados ao presente, imersos em uma sociedade aonde a informação atravessa o mundo não, mas em navios, mas em piscar de olhos através das redes da internet. Para eles existe apenas o hoje e o agora, e tal pensamento é apenas reforçado pelo capitalismo que descarta tão rapidamente as coisas, logo colocando algo mais novo e atual nos seus lugares. *“Viver apenas o presente tende a reproduzir a condição atual – com todas as mazelas – pela ausência de sujeitos interessados em tentar fazer as coisas de outra forma”* (CERRI, 2011, p. 116). Sendo assim a consciência histórica teria este papel fundamental de torna o individuo critico ao mundo que o cerca

Tendo estas perspectivas teóricas em mente, realizamos a nossas observações sobre uma professora ao qual era licenciada em História e possuía uma carreira de 25 anos. A mesma já havia se aposentado, porém ainda lecionava. Vimos em suas palavras, certo desanimo referente à docência, aonde a mesma via em seus alunos indivíduos sem muitas perspectivas, desinteressados e alheios à educação, e de certa forma em alguns casos, tínhamos que infelizmente que concorda com a professora.

Porém, ao mesmo tempo percebíamos, sobre as nossas análises, que tal desânimo, era refletido em suas aulas. Aonde não se via uma interação entre aluno e professor, as aulas eram basicamente na maioria do tempo mudas. Apenas com a realização de tarefas feitas ao quadro, com uma breve explanação, que no final ficava a cargo dos alunos estudarem pelos recursos didáticos, que neste caso eram fotocópias de livros didáticos. Quanto aos conteúdos passados, não eram bem explanados nem mesmo relacionados aos nossos problemas atuais vivenciados, as aulas não traziam abertura para a formação de uma consciência histórica nos alunos. Pois era meramente o conteúdo por ele mesmo, não se percebia nestas aulas uma utilidade que não mera fixação de conteúdos. Acreditamos que este reflexo não embatia apenas no profissional, mas que esta desmotivação era de certa forma contagiada até os alunos. Mesmo sendo estes já em muitas vezes desacreditados e conformados com suas situações sociais.

Poderíamos desta forma, imaginar que as aulas seriam mais produtivas ao ponto que a educadora, conseguisse aproxima seus alunos ao ensino de história.

Familiarizando eles dando significado a História a partir das vivências dos mesmos. Evidente que não seria o caso das aulas serem realizadas apenas sobre a vivência dos educandos. Mas construindo ligações dos temas estudados, ao meio que eles convivem. Um dos temas explanados que observamos ser possível esta relação, foi a Revolução Industrial. Que poderia ser facilmente correlacionada com a realidade de alguns alunos que trabalhavam em indústrias e fabricas.

Já sobre os alunos percebemos em sua maioria que eram adolescentes com uma pequena parcela de idosos. A turma possuía em média trinta alunos matriculados, porem nas observações vimos apenas média de dez alunos por aula. Entendemos desta forma que este público que frequentava as aulas noturnas, eram em muitos casos, indivíduos que trabalham durante todo o dia em diversas atividades, como podemos perceber que haviam de auxiliares de pedreiro a funcionários de indústrias. Já outras parcelas, neste caso de indivíduos mais jovens, vinham de outros turnos devido um grande histórico de reprovações, é dado o momento que estes têm que ser transferidos ao turno da noite, por já ter ultrapassado a facetaria de idade dos outros turnos.

Mas o interessante de analisamos esta turma é percebe suas grandes divergências, aonde vimos alunos que esperavam apenas o lanche para retomarem a suas casas, não voltando mais para assistir as aulas, e outros que se quer entravam na sala, para dedicarem seu tempo aos fletes. E alunos que vencem o cansaço de um dia inteiro de labuta, para almeja uma melhoria em suas vidas.

Víamos em alguns deles um anseio e dedicação uma vontade pelo conhecimento, percebíamos que se talvez houvesse um pouco mais de dedicação e planejamento sobre as aulas, poderia se ver uma participação maior dos educandos, através de aulas mais interativas que os instigassem mais ao aprendizado, aguçando suas curiosidades. Trazendo a eles um pouco do seu cotidiano, utilizando assim do conhecimento prévio de cada aluno, e dando significado à disciplina de história, construindo juntamente a eles uma consciência histórica aonde muitos não conseguiam justificar a sua importância e aprendizado como disciplina escolar.

Após análises das observações, dos desafios e experiências vivenciados por uma professora de história com 25 anos de trabalho em sala de aula. Que se mostrava alheia e desmotivada ao educar. Percebemos que são muitos estes

desafios enfrentados para o ensino de história, no nosso sistema educacional, entre eles a desmotivação tanto dos educadores como educandos, que se mostra piamente um fator predominante na situação drástica que se encontra a nossa educação atual. Caberia assim primeiramente ao educador ter em sua consciência a noção de das dificuldades, dos impasses dos desafios que terá de encontra frente a sua carreira. Para que os mesmos não sejam empecilhos para seu trabalho, para a sua trajetória que se mostra tão importante hoje em nossa sociedade.

BIBLIOGRAFIA

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de janeiro: Editora FGV, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1922.